

EDITORIAL

Poucas vezes os termos “gênero” e “sexualidade” reverberaram tantos debates em solo brasileiro como no ano de 2017. Numa análise superficial, essa avalanche de ponderações inerentes às temáticas em voga poderia parecer representar um marco substancialmente positivo para os indivíduos que experienciam vivências tidas como dissidentes de gênero e sexualidade. Afinal, por exemplo, em que outro momento da história nacional um folhetim de horário nobre exibiu a narrativa de gravidez de um homem trans gay grávido?

O imaginário acerca dos benefícios inerentes às discussões em voga, entretanto, estacionou na novela das 21 horas. Nos demais âmbitos em que as pautas acerca das demandas de pessoas LGBTTTQI+¹ brasileiras emergiram de alguma forma, imperaram características de retrocesso e opacidade. Os resultados diretos dessa equação foram percebidos sem eufemismos: avanço de uma agenda com traços fascistas e fundamentalismo religioso em alta; fechamento de exposições de artes libertárias; resistência quase infinita à criminalização da LGBTTTQIfobia²; proibição da possibilidade de fazermos essa discussão no sistema de ensino básico, médio e mesmo superior do país, a partir do “Escola sem Partido”; disseminação crescente da ideia (equivocada) de “Ideologia de Gênero”.

Essa conjuntura fornece chaves interpretativas para dados mais palpáveis. O Brasil lidera o ranking internacional de assassinatos de travestis e mulheres trans em todo o mundo, de acordo com a ONG Transgender Europe, reunindo cerca de cinquenta por cento de todos os casos dessa natureza³. Não

¹ A sigla representa, respectivamente, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, *queer* e intersexuais. É sabido, contudo, que essa representação não esgota as possibilidades de vivências e experiências de pessoas dissidentes sexuais e de gênero. Ao contrário, por se tratar de uma representação da realidade social, a probabilidade de mudanças e adaptações é factual.

² Entendemos como LGBTTTQIfobia a conjuntura social formada por insultos, piadas, violência física e simbólica, discriminação e violência letal direcionadas às experiências e vivências dissidentes sexuais e de gênero.

³ Informações disponíveis em: <http://tgeu.org/>. Acesso em: 6 out. 2017.

obstante, os números de casos de LGBTTTQIfobia nacionais apresentam dados que aumentam a cada ano que passa.

Levando em consideração os cenários apresentados, este dossiê foi pensado com o intuito de aventar subsídios analíticos que interpelem perspectivas contemporâneas de gênero(s) e sexualidade(s). Os pontos nodais que lhe eram origem foram fomentados na disciplina *Gênero e sexualidade na história*, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS-UFRN), ministrada pela professora Leilane Assunção no primeiro semestre do ano de 2017. Conseqüentemente, os episódios recentes nacionais envolvendo diversos prismas e posicionamentos relativos aos gêneros e às sexualidades serviram como mola propulsora para indagar e discorrer sobre as temáticas.

O artigo que abre o dossiê, **Identidades, sexualidades e desejos manipulados no “ponto”**, de autoria de Fabrício de Sousa Sampaio, Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, propõe uma percepção dos rituais de iniciação e estabelecimento construídos por jovens num “ponto” de aparente prostituição sobralense, além de compreender os processos de construção e manipulação identitária sexual dxs jovens e refletir sobre a sexualidade juvenil do/no local.

Em seguida, o artigo intitulado **Segurança e confiança na experiência da amizade**, de Jainara Gomes de Oliveira, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, debruça-se, a partir de uma pesquisa sobre (homo)sexualidade feminina, em elaborar uma análise antropológica aproximativa da relação entre segurança e confiança nas experiências de amizade, em João Pessoa, Paraíba.

Na sequência, o artigo de Tarcísio Dunga Pinheiro e Kallile Sacha da Silva Araújo, respectivamente doutorando e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, denominado **Mortes que precedem a morte: trilhas e particularidades para a compreensão do transfeminicídio** traça algumas

ponderações acerca da noção de transfeminicídio, partindo do pressuposto de que o assassinato de pessoas trans no Brasil é apenas o desfecho de um conjunto de mortes direcionadas à população em destaque, tendo como objetivo pontuar algumas das mortes simbólicas com as quais travestis e mulheres transexuais convivem cotidianamente.

O artigo seguinte é de autoria de Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego, doutorando em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e intitula-se **“Parentes” e “recursos” que fazem a diferença nas relações familiares de homens trans***. O autor empreende uma reflexão sobre o cenário econômico-político que enquadra, mas não determina as relações familiares de homens trans, pensando-o a partir das trajetórias que tais sujeitos constroem para ocupar posições sociais reconhecíveis como pessoas na rede de parentes.

Tendo como subsídio a relação entre consumo e identidade gay, o artigo intitulado **Do bar ao pub: homossociabilidade e identidade gay em Campos dos Goytacazes (RJ)** é de autoria de Joseane de Souza, doutora em Demografia pela Universidade Federal de Minas Gerais e Rafael Simões Mendes Oliveira, Mestre em Sociologia Política pela são os espaços de consumo e homossociabilidade voltadas para os gays na cidade de Campos dos Goytacazes, interior do estado do Rio de Janeiro e polo regional da região norte Fluminense.

Concluindo a sessão dossiê, Leilane Assunção da Silva e Emilly Mel Fernandes de Souza, a primeira pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e a segunda mestranda em Psicologia, ambas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com o artigo **A epistemologia do Barraco: uma breve história do Movimento LGBTI em geral**. Nele, traçam um panorama no qual tentam compreender de que maneira as mulheres trans se apropriaram de um estereótipo negativo, o de barraqueira, para transformar em algo que as ajuda a superar as agruras do cotidiano.

INTER-LEGERE

EDITORIAL

O dossiê visa contribuir com uma visão reflexiva dos estudos de gênero(s), sexualidade(s) e, conseqüentemente, das Ciências Sociais.

Leilane Assunção da Silva (PNPD/PPGCS-UFRN)⁴

Tarcísio Dunga Pinheiro (PPGCS-UFRN)⁵

⁴ Pós-doutoranda em Ciências Sociais – PPGCS-UFRN; Doutora em Ciências Sociais – PPGCS-UFRN; Mestra em História – PPGH/UFRN;

⁵ Doutorando e Mestre em Ciências Sociais – PPGCS-UFRN; Membro do Núcleo Interdisciplinar Tirésias – UFRN.